

## Cerro e sanga – empréstimos lexicais no português de contato com o espanhol

Felício Wessling Margotti<sup>1</sup>, Patrícia Graciela da Rocha<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

<sup>2</sup> Curso de Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

wfelicio@cce.ufsc.br, patrigraciro@gmail.com

**Resumo:** *Este trabalho é parte de uma pesquisa realizada com base em dados e mapas lingüísticos do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) sobre variantes lexicais de origem castelhana incorporadas ao vocabulário do português brasileiro. Nosso objetivo é apresentar e analisar especificamente as variantes sanga e cerro, e delimitar as áreas de uso dessas variantes nos três Estados do Sul do Brasil, considerando que esses empréstimos resultam do contato do português com o espanhol nessa região.*

**Abstract:** *This work is part of a research based on data and linguistic maps from Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) that aimed at identifying lexical variants from Castelian incorporated in the spoken Portuguese language in the southern Brazil. Our goal is to present and analyze the variants sanga and cerro as well as demarcating lexical areas in the borders of the three southern Brazilian states considering that these loans are formed by Portuguese-Spanish contact.*

**Palavras-chave:** empréstimos lexicais; português-espanhol; línguas em contato.

### 1. Introdução

Este trabalho é parte de um estudo realizado com base em dados e mapas lingüísticos do *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)* sobre variantes lexicais de origem castelhana incorporadas ao português. O objetivo é apresentar e analisar as variantes *sanga* e *cerro*, e delimitar as áreas de uso dessas variantes nos três estados meridionais do Brasil. Considerando que esses empréstimos resultam do contato do português com o espanhol, supõe-se que as ocorrências e distribuição no espaço geográfico estejam fortemente associadas às áreas de fronteira, o que não significa que a distribuição nessas áreas seja homogênea para todas as variantes lingüísticas analisadas. Os itens selecionados foram obtidos por meio de perguntas do Questionário-Semântico Lexical do ALERS relativamente à área semântica I – Acidentes Geográficos. Tais itens foram arealizados, descritos e analisados com base na bibliografia consultada.

Derivado de *zanga* (espanhol platino), *sanga* apresenta grande difusão no Rio Grande do Sul e no Sul, Planalto e Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná (cf. MARGOTTI; VIEIRA, 2006, p. 252). Segundo Koch (2000), *cerro* e o sinônimo *coxilha* “representam as formas absolutamente predominantes no Rio Grande do Sul, não sendo registrados nos estados vizinhos, onde o heterônimo é *morro*”.

O presente estudo segue os princípios da Dialetoлогия, que tem a tarefa de identificar, escrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. O método utilizado é o da Geolingüística Tradicional.

## 2. Metodologia

Os dados serão apresentados da seguinte forma: 1) O item lexical a ser estudado; 2) A pergunta do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALERS, volume I; 3) O mapa das variantes lexicais hispânicas distribuídas geograficamente na Região Sul do Brasil (ALERS, volumes III, no prelo); 4) Os significados destas variantes encontrados no Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE); 5) Os significados das variantes no Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (1986); 6) Os significados encontrados em outros dicionários regionalistas brasileiros e/ou hispânicos com comentários relevantes para a descrição mais apurada de algumas variantes (*Dicionário Gaudério; Vocabulário Pampeano – pátrias– fogões – legendas; Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul; “Doctus” Nuevo Diccionario Castellano; El Habla del Pago; Diccionario Lunfardo* entre outros); 7) Análise dos fatores culturais, históricos, sociais, econômicos, étnicos que podem ter influenciado a arealização ou a existência dessas variantes hispânicas em determinados lugares, além de comentários de nativos hispanofalantes sobre os itens referidos.<sup>1</sup>

## 3. Variantes hispânicas

Neste trabalho, considera-se empréstimo do espanhol – seja ele platino, americano ou europeu – no português falado na Região Sul do Brasil a palavra registrada em dicionários de língua espanhola.

### 3.1 Cerro/Coxilha

Com a intenção de levantar variantes lexicais usadas para designar *monte*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Como chamam aqui uma elevação de terra bem alta?*

Os resultados podem ser visualizados na Figura 1, que corresponde ao mapa 001 do ALERS e ao item 001 do QSL. De acordo com esse mapa, a palavra que se destaca na Região Sul é *morro*, que corresponde a mais de 55% das respostas, assim distribuídas: 60% no Paraná, 70% em Santa Catarina e 40% no Rio Grande do Sul. Todavia, neste Estado, as variantes predominantes são *cerro* e *coxilha*, que juntas somam cerca de 50% das respostas, distribuindo-se majoritariamente em uma larga faixa de fronteira com o Uruguai e a Argentina e em partes do Centro e Norte de Estado.

---

<sup>1</sup> Esses comentários foram obtidos por meio de questionário próprio aplicado a falantes de espanhol como L1.

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

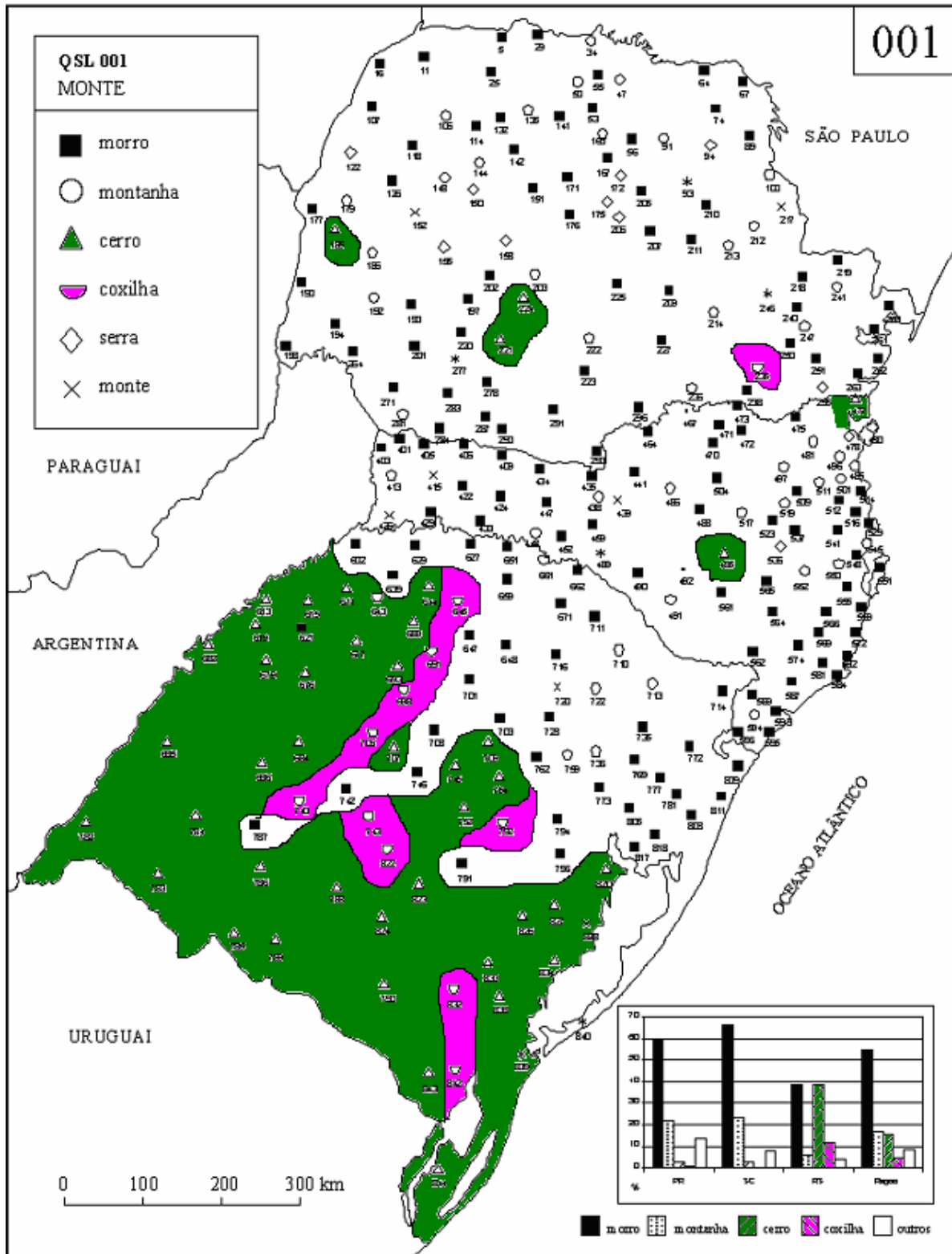


Figura 1 – Mapa correspondente ao item 001 do QSL – Monte. Variantes hispânicas: Cerro e Coxilha.

O DRAE considera *cerro* como sendo do latim *cirrus* (copo) que significa uma elevação de terra isolada e de menor altura que o monte ou a montanha. O dicionário registra também a palavra *cuchilla* como originária de *cuchillo*, que é usado para nomear um tipo de montanha escarpada em forma de *cuchilla* (lâmina, faca), e que, na Argentina, Cuba, Uruguai e Venezuela, nomeia uma eminência muito prolongada, cujas encostas se estendem suavemente até a terra plana.

O Dicionário Aurélio (1986) também considera *cerro* como vindo do latim *cirru* que quer dizer *colina* pequena e penhascosa, geralmente de forma tabular. O Aurélio observa ainda que a palavra *cerrito*, derivada de *cerro*, se caracteriza como um brasileirismo próprio do RS, onde significa pequeno *cerro*.<sup>2</sup> Já o termo *coxilha*, o dicionário admite como vindo do espanhol *cuchilla* e como sendo um brasileirismo próprio da Região Sul, onde significa campina com pequenas e contínuas elevações, arredondadas, típicas da planície sul-rio-grandense, em geral coberta de pastagem, e onde se desenvolve a pecuária. Por exemplo: “reconheceu os campos natais, os campos da fronteira, estendidos em planuras escampas, ondulados em suaves coxilhas” (AZAMBUJA apud AURÉLIO, 1987, p. 493). O Aurélio se refere também à “boa grafia”, afirmando que deveria ser *cuchilha* ou *cochilha*.

Todos os demais dicionários portugueses e espanhóis consideram *cerro* como sendo sinônimo de *morro*, porém, um dos hispano-falantes consultados por meio de questionário faz uma diferenciação entre os termos, afirmando que *cerro* é uma elevação topográfica mais elevada que um monte e menos que uma montanha. E *coxilha* é um terreno cortado próprio da região de Entre Rios na Argentina e do interior do Uruguai, ou seja, são pequenas elevações ou quebradas no terreno plano.

Nunes & Nunes (2003) descrevem *coxilhas* como grandes extensões onduladas de campinas cobertas de pastagem, que constituem a maior parte do território rio-grandense e onde se desenvolve a atividade pastoril dos gaúchos. “No sentido Figurado *coxilha* é o Rio Grande livre, o Rio Grande tradicional, a sua vida de guerras e a sua vida de *estâncias*, o trabalho campesino, em suma” (CALLAGE apud NUNES; NUNES, 2003, p. 133).

O termo é evocativo como poucos. Quando diz – *coxilhas* – vem logo à lembrança 35, 93 e 23; as guerrilhas e as escaramuças; o minuano a cortar as carnes com o frio irresistível; umas carretas num pouso ao luar; um gaúcho a galopar de pala ao vento; baguais correndo às soltas...” (CARMO apud NUNES; NUNES, 2003, p. 133).

De acordo com Koch (2000), essas palavras, *cerro* e *coxilha*, pertencem a uma terceira situação de empréstimo, ou seja

ocorre quando, a um termo espanhol e seus sinônimos, corresponde um conjunto de equivalentes no português dos quais um ou dois são idênticos aos termos espanhóis, como no caso de *cerro* e *coxilha* do espanhol *monte*, *morro*, *cerro* e *coxilha* no português. Os dois últimos representam as formas absolutamente predominantes em dois terços do Rio Grande, não sendo registrados nos Estados vizinhos onde o heterônimo é *morro* (KOCH, 2000, p. 60).

---

<sup>2</sup> Em Santa Catarina, na região próxima a Lages, há um município denominado São José do Cerrito.

O mapa da Figura 1 confirma, em parte, as afirmações de Koch (2000), pois a palavra *cerro*, ocupa dois terços do RS. Todavia, ela aparece, também, de acordo com o ALERS, em dois pontos de SC (nas cidades de Otacílio Costa e Garuva) e em três pontos do PR (Marechal Cândido Rondon, Laranjeiras do Sul e Guarapuava). Além disso, *coxilha* é mencionada na cidade de Lapa, no PR. Convém ressaltar que essas três cidades do Paraná coincidem com a área de atuação da migração de gaúchos em direção ao Centro-Oeste do país, passando pelo Oeste desse Estado. Já a referência de *cerro* em Otacílio Costa (SC) pode, talvez, ser explicado pela proximidade do município com a cidade de Lages, antiga paragem dos tropeiros que subiam do Sul rumo a Sorocaba (SP).

### 3.2 Sanga, sanguinha, sangão

Com o objetivo de levantar variantes lexicais de *riacho*, o Questionário Semântico Lexical (QSL) do ALERS fez as seguintes perguntas: *Uma grande quantidade de água em movimento? (resposta esperada: rio). E uma quantidade um pouco menor? (resposta esperada: riacho)*

Os resultados podem ser visualizados na Figura 2 que corresponde ao mapa 007 do ALERS e ao item 012 do QSL.

Como pode ser verificado na Figura 2, as palavras *sanga*, *sanguinha* e *sangão* (consideradas pelo ALERS como variantes mórficas de um mesmo item) correspondem a pouco mais de 10% das respostas dadas em toda a Região Sul do Brasil, mas correspondem a mais de 20% das respostas obtidas no Rio Grande do Sul, diminuindo para pouco mais de 10% em Santa Catarina e 5% no Paraná (como pode ser visualizado no gráfico localizado no lado inferior direito da Figura 2).

Supõe-se que esse item lexical tenha entrado na língua portuguesa do Sul do Brasil como uma adaptação do termo espanhol *zanja*, que, de acordo com o *Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE)*, provém de *zanjar* que significa uma escavação comprida e estreita que se faz na terra para colocar os cimentos, conduzir as águas, defender as plantações ou coisas semelhantes, e, na América, significa *arroyo* produzido pela água corrente.

O *Novo Dicionário Aurélio* aponta *sanga* como sendo originário do espanhol platino *zanja*, e considera um brasileirismo próprio do Rio Grande do Sul (RS) e de Santa Catarina (SC) que significa *algirão*, pequeno regato, que seca facilmente ou uma escavação profunda no terreno, produzido pelas chuvas ou por correntes de água subterrâneas. Este dicionário inclui a palavra *sangão* (também mencionada nas respostas ao questionário do ALERS) como sendo proveniente do espanhol *zanjón* e também um brasileirismo próprio do Rio Grande do Sul que significa *sanga funda*.

Obaldía (2006) aponta o termo *sangrador* com o mesmo sentido de *sanga*, uma estreita via de água, de curto trajeto, pela qual recebem ou derivam águas dos rios, arroios ou lagoas as quais são abundantes no vale da Lagoa Mirim.

O *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes (2003), define *sanga* como um pequeno curso de água menor que um regato ou arroio, ou então um rio pequeno, que seca facilmente. Os autores citam ainda alguns exemplos do uso desse termo na literatura riograndese:

“Cabelos soltos, / pés descalços, / nua / - com a naturalidade / de vestida - / eu me banhava nas *sangas* / da infância / da minha vida.” (RAMOS apud NUNES; NUNES, 2003, p.445).

Esses autores registram também a palavra *sangão* como sendo o aumentativo de *sanga*, ou sanga funda, barrancosa.

“Passou por um *sangão* numa picada rala e encontrou-se num sítio mais largo, que os açorianos começavam a dar o nome pitoresco de rua da Ponte”. (SANHUDO apud NUNES; NUNES, 2003, p. 445).

ATLAS LINGUISTICO-ETNOGRAFICO DA REGIAO SUL DO BRASIL (ALERS)

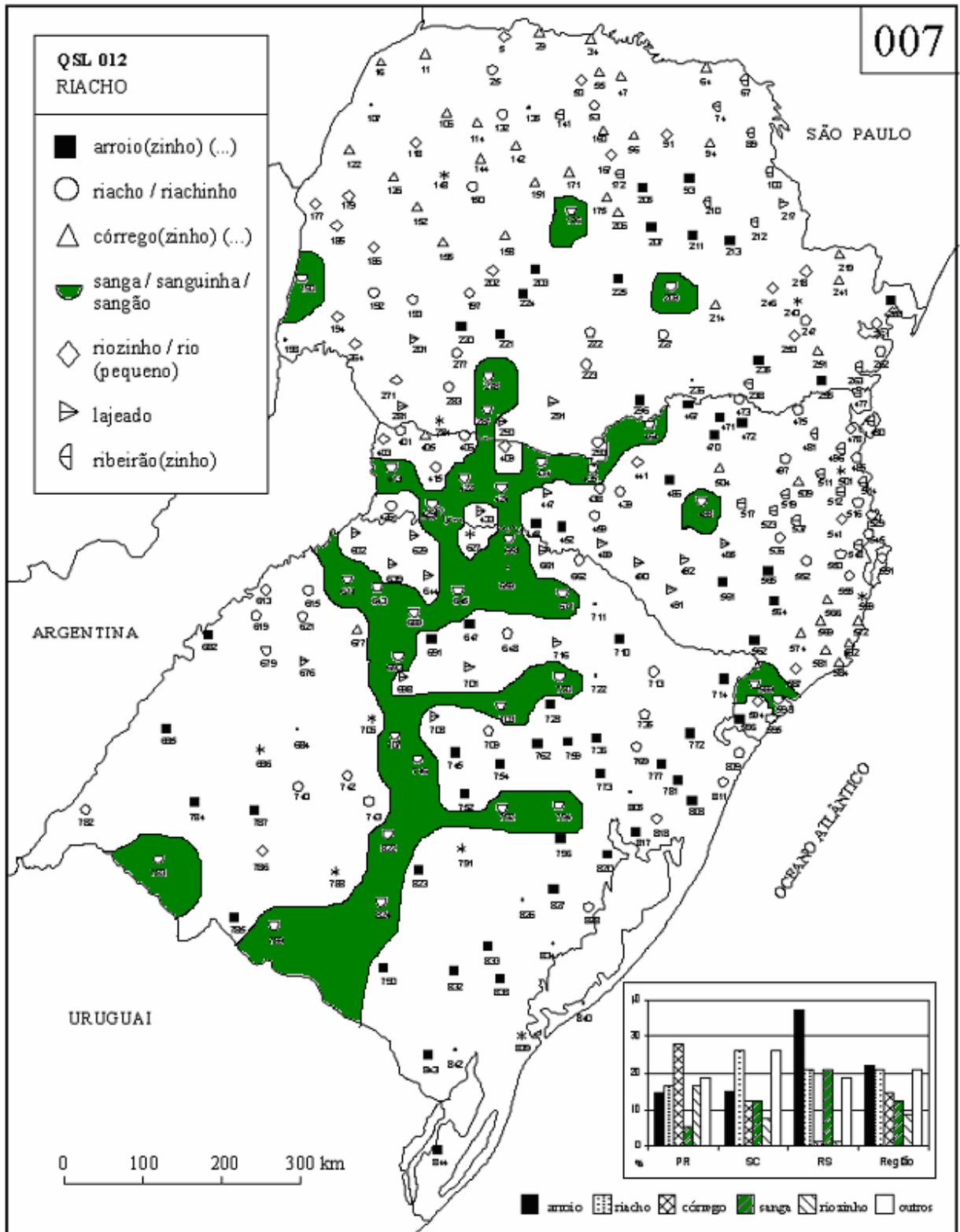


Figura 2 – Mapa correspondente ao item 012 do QSL – Riacho. Variantes hispânicas: Sanga / sanguinha / sangão.



Braun (1998) define *sanga* da seguinte forma:

Menor que um arroio / um curso d'água – um regato, / é restinga – se tem mato / senão – sanga simplesmente. / Quase sempre tem vertente / pois não morre no verão. / Lauro Rodrigues – irmão / de tradição nos dá um trago: / A Sanga é o pranto do pago / chorando a eterna desgraça / em que se mescla essa raça / que outrora foi de Titãs.(BRAUN, 1998, p.305).

Os dados do ALERS mostram que *sanga*, *sanguinha* e *sangão* ultrapassam os limites geográficos do RS e SC, acompanhando a movimentação interna dos gaúchos rumo ao norte, passando pelo Oeste de SC e PR. Sendo assim, o Novo Dicionário Aurélio não é preciso quando afirma que as palavras *sanga* e *sangão* são brasileirismos usados, no primeiro caso (*sanga*), somente nos estados do RS e SC e no segundo caso (*sangão*), somente no RS. Como podemos visualizar no mapa da Figura 2, essas variantes ocorrem nos três estados da Região Sul.

Além disso, a distribuição dos dados no mapa da Figura 2 mostra a coincidência das palavras *sanga*, *sanguinha*, *sangão* com uma das primeiras rotas dos tropeiros, aquela que passava pelo município de Lages (SC), subindo pelo centro dos estados rumo a Sorocaba (SP). Os tropeiros optaram, inicialmente, pelo *Caminho da Praia* que era um caminho mais ao Leste dos estados e isso justifica o uso dessas palavras no Sul de Santa Catarina. Posteriormente, depois da expulsão dos jesuítas, os caminhos das tropas foram se deslocando para o Oeste do Rio Grande do Sul, favorecendo a ocupação definitiva das Missões, como relata Brum:

[...] Abandona-se o traçado que cortava o Rio Grande transversalmente (Uruguaiana, Alegrete, Viamão, Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula, Bom Jesus, Vacaria), adotando-se o traçado São Borja, Santo Ângelo, Cruz Alta, Carazinho, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Vacaria. Com exceção das duas primeiras que já existiam como povoações missioneiras, as demais citadas surgiram como consequência do novo traçado que ficou conhecido como o *Caminho das Missões*. Esse caminho, com o mesmo nome, viria a ser modificado pelo tropeiro paranaense Francisco da Rocha Loures, avançando ainda mais na direção do Oeste [...] (BRUM, 1999, p. 124).

No entanto, cabe aqui se perguntar quem eram esses tropeiros? De acordo com Brum (1999) essas tropas eram compostas por, em média, trinta homens que se distribuíam entre lagunenses, paulistas mamelucos e castelhanos. Porém, o autor alerta que por *castelhanos* identificava-se, naqueles tempos, todo o indivíduo que viesse das bandas da Prata e falasse meio enrolado.

Esses *castelhanos* que, de acordo com Brum, podiam ser santafesinos, correntinos e até paraguaios, certamente foram responsáveis pela introdução de alguns termos da sua língua de origem a fim de se comunicar com seus companheiros de tropa e com os comerciantes nas paradas ao longo do caminho. Parte desses vocábulos foi incorporada ao léxico do português, como é o caso de *sanga*, *sanguinha* e *sangão* e parte foi abandonada e substituída por termos lusos.



#### 4. Conclusão

O objetivo principal desse trabalho era apresentar a distribuição diatópica e analisar duas variantes lexicais de origem castelhana registradas pelo ALERS no português falado no Sul do Brasil, a saber: *cerro* e *sanga*. Os mapas identificados como Figuras 1 e 2 delimitam as áreas de difusão das referidas variantes lexicais na Região Sul do Brasil, as quais, de certo modo, projetam-se do sul para o norte a partir das fronteiras com o Uruguai e Argentina, ora fazendo o percurso das rotas de migração dos gaúchos rumo à exploração do Centro-Oeste do país, ora avançando em direção ao Centro de Santa Catarina e Paraná, delineando os caminhos dos tropeiros.

Conforme se demonstra através dos mapas geolingüísticos, a distribuição das formas nominais em apreço não se sobrepõe integralmente no território pesquisado, demonstrando que a difusão de cada uma das palavras emprestadas do espanhol pelos falantes de português do Sul do Brasil está sujeita a fatores lingüísticos e extralingüísticos distintos.

#### 5. Bibliografia

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). Volume 1: *Introdução*; Volume 2: *Cartas Fonéticas e Cartas Morfosintáticas*. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). Volume 3: *Cartas semântico-lexicais (parte 1)*. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo (Org.) et al. No prelo.

BRAUN, Jayme Caetano. *Vocabulário Pampeano*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIGAL, 1998.  
DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas lingüísticas. Contribuição do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul ao estudo da fronteira lingüística entre o Brasil e o Uruguai. In: *Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Inst. Goethe/ICBA, 1995. p.192-206.

\_\_\_\_\_. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (eds). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000 (Biblioteca luso-brasileira; vol. 18).

MARGOTTI, Felício W.; VIEIRA, Hilda Gomes. Características de uma área lexical heterogênea na região sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação, mudança e contato lingüístico no português da região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A. 1986.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. 10<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003.

OLBADÍA, José María. *El habla del pago*. Montevideo – Uruguay: Ediciones de la Banda Oriental S.R.L, 2006.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. *Dicionário Gaúcho*. 3<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: AGE, 2005.